



# A IDÉIA DE CULTURA: uma resposta a Don Mitchell

■PETER JACKSON\*

Don Mitchell (1995) afirma que os geógrafos culturais (eu estando incluído) continuam a reificar a "cultura" e que nossa pesquisa deveria ser redirecionada para estudos da "cultura como ideologia", examinando aqueles que articulam a idéia de "cultura", em vez de estudar a cultura como uma entidade ontológica ("cultura propriamente dita"). Esta é uma agenda com a qual estou profundamente de acordo, tendo debatido durante anos contra uma definição reificada de cultura e a favor da exploração do poder ideológico da cultura (por meio do conceito de política cultural). Em *Maps of Meaning* (1989, p. 23), por exemplo, afirmei que cultura é "um termo contestado, cujo significado agora deve ser considerado problemático". Argumentei contra explicações "culturalistas", pelas quais se diz que as pessoas fazem as coisas devido a sua cultura e a favor de explicações materialistas que se recusam a tratar a esfera das idéias, atitudes, percepções e valores como independentes das forças e relações de produção. Como ocorreu com o conceito de "raça", afirmei consistentemente que a "cultura" não pode explicar: é a coisa a ser explicada.

Sobre estes pontos, eu e Don Mitchell concordamos. Ele prossegue, creio que corretamente, criticando meu uso de uma série de metáforas que abordam a cultura como um domínio, um meio ou um nível, argumentando que tais termos cor-

rem o risco de reificar a cultura em uma forma apenas levemente mais sofisticada que as antigas teorias "supraorgânicas". Em vez de simplesmente voltar a expor minha posição ou defender o que escrevi há mais de cinco anos, gostaria de comentar o contexto no qual foram feitos meus comentários anteriores e tentar estabelecer uma agenda para futura pesquisa em relação à qual acho que Don Mitchell e eu estamos em substancial acordo.

## CONTEXTO

Ao escrever que cultura é

um domínio, não menos que o político e o econômico, no qual as relações sociais de dominação e subordinação são negociadas e refutadas, onde significados não são apenas impostos mas contestados, (ibid., p. IX)

eu estava escrevendo contra os que procuravam relegar a cultura ao superficial e efêmero. Procurei juntar-me àqueles que, como Denis Cosgrove, estavam defendendo uma abordagem materialista para a cultura, contra as definições "supraorgânicas" que ainda estavam em uso. Com Cosgrove, afirmei que

cultura não é uma categoria residual, a variação superficial deixada inexplicada

por análises econômicas mais poderosas, é o próprio meio através do qual a mudança é experienciada, contestada e constituída (Cosgrove e Jackson, 1987, p. 95).

A referência à cultura como um "meio" pode ter sido mal orientada (apesar de ter uma longa tradição no campo dos estudos culturais contemporâneos), mas a intenção era clara: abrir um espaço para análises "culturais" do que eram então categorias amplamente impermeáveis da economia política. A "mudança cultural" (Chaney, 1994), que desde então ocorreu por meio das ciências humanas, pode ter ocultado o que então parecia urgente. Contudo, aceito que as metáforas de domínio, nível, meio e arena mantêm suas próprias cargas ideológicas e reificam "cultura" a um grau que agora eu acharia inaceitável.

Certamente, poder-se-ia fazer a defesa similar de Carl Sauer, cuja própria tendência a reificar a cultura pode ser explicada, em parte, por sua ânsia em se opor ao ambientalismo excessivo de sua época. Similarmente, a insistência de Raymond Williams (1977, p. 13) sobre cultura como um "modo total de vida" foi articulada em oposição às teorias elitistas de cultura como "o melhor que foi pensado e enunciado", na frase famosa de Matthew Arnold (1896). Isto não significa uma desculpa de auto-defesa, mas apenas um argumento em favor de uma leitura mais contextualizada da história das idéias.

AGENDA \_\_\_\_\_

Apesar de estar em acordo geral com o argumento de Don Mitchell sobre a natureza ideológica da "cultura", há uma área onde ainda podemos discordar. Ao limitar sua agenda à "idéia de cultura", comparando minha própria abordagem à

idéia de "raça" (Jackson, 1987), Mitchell corre o perigo de desgastar qualquer sentido de materialidade da cultura. Isto não quer dizer que a "cultura" propriamente dita é material, mas que aquilo que definimos convencionalmente como "cultura" ganha muito de seu poder a partir de sua materialidade aparente (tanto quanto "raça" ganha seu poder ideológico a partir de seu enraizamento aparente na natureza). Insistindo no "cultural" como uma construção completamente social, incluindo a nossa concepção do mundo natural, podemos correr o perigo de esvaziar o conceito de qualquer referência material (as formas culturais particulares, por exemplo) um tanto como, na teoria pós-estrutural, a insistência sobre "nenhum mundo além do texto" abriu as portas a um relativismo politicamente desautorizado. Em seu próprio trabalho empírico sobre habitações pertencentes à empresa, por exemplo, Mitchell (1993, p. 112) está claramente interessado pela forma construída de cidades de uma única indústria, assim como no que ele chama de "ideologia hegemônica" de paternalismo. Sem tal preocupação pelo mundo material, arriscamo-nos a produzir uma geografia cultural completamente anêmica, onde as únicas lutas são sobre linguagem e políticas de representação. Isto parece estar estreitando indevidamente nossa agenda, numa época em que disciplinas adjacentes, como a antropologia, estão expressando um interesse renovado e teoricamente informado pela cultura material.

Mas estas são diferenças menores se comparadas ao terreno que agora temos em comum. Concordamos que a "cultura" não é causativa e que pode ser usada como explicação para diferenças sociais no mundo material. Concordamos que a "cultura" é so-

cialmente construída e é freqüentemente contestada asperamente. Concordamos que a "cultura" é uma ideologia que tem sido historicamente controlada pelos poderosos. Espero que, ao endossar seu argumento de que a "cultura está em toda parte" (apesar de agora destituída de poder explanatório), nós não concederemos a análise aos críticos conservadores que tomam nosso medo de reificação como um sinal de que, mais uma vez, "a cultura não existe".

#### NOTAS

- \* Traduzido por Olívia B.Lima da Silva de "The idea of culture: a response to Don Mitchell". Publicado em *Transactions of the Institute of British Geographers*. 21 (3). 1996, pp. 572-573.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNOLD M. *Culture and anarchy*. London: Smith, Elder, 1869.
- CHANEY D. *The cultural turn*. London: Routledge, 1994.
- COSGROVE D. and JACKSON P. New directions in cultural geography. *Area*, v. 19, p. 95-101, 1987.
- JACKSON P. The idea of 'race' and the geography of racism. In: JACKSON P. ed. *Race and racism*. London: Allen & Unwin, p. 3-21, 1987.
- JACKSON P. *Maps of meaning: an introduction to cultural geography*. London: Allen and Unwin, 1989.
- MITCHELL D. Public housing in single-industry towns: changing landscapes of paternalism. In: DUNCAN J. AND LEY D. (eds). *Place/culture/representation*. London: Routledge, 1993, p. 110-27.
- MITCHELL D. There's no such thing as culture: towards a reconceptualization of the idea of culture in geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, NS 20, v. 1, p. 102-16, 1995.
- WILLIAMS R. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

